

Segredo de amigos

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

Eram 13h50. Quarenta minutos antes da reunião de ontem do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, uma assessora do senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) abordou o senador José Eduardo Dutra (PT-SE) na saída do cafetinho anexo ao plenário. De celular em punho, ela disse que Arruda queria dar uma "palavrinha" com ele. Os dois senadores conversaram durante sete exatos minutos.

— Olha, eu queria lhe avisar que hoje vou contar tudo o que sei ao Conselho. Estou avisando a você a mesma coisa que já avisei a ACM (Antônio Carlos Magalhães, ex-presidente do Senado).

— O que você vai dizer?

— Vou contar tudo o que sei. A verdade. O que eu ouvi de você é o que eu ouvi de ACM.

— Ah é? Pois eu posso dizer que encontrei com você no corredor e que ACM lhe disse que a lista...

— Arruda, isso não é verdade. Isso não é verdade. Você sabe que não é. Não vou acusar ninguém. Só vou contar a verdade do que eu ouvi de vocês.

Arruda estava em casa. Ao telefone, insistia em saber detalhes do que Dutra contaria aos colegas. O diálogo tornou-se constrangedor. A certa altura, Dutra tentou abreviar a conversa, mas Arruda não permitiu. "Quer saber? Se eu tivesse condições de acusar você, o ACM, ou quem quer que fosse, eu acusaria. Mas não tenho. Até logo, Arruda, até logo, até logo. Tchau!"

O que Dutra contaria dali a meia hora era segredo apenas da porta do Senado para fora. Porque da porta para dentro, no exercício diário do nem sempre sutil jogo do poder e das confidências trocadas pelos senadores a meia voz, não era segredo algum para ninguém. Ou pelo menos não era para a maioria dos senadores.

Uns com mais detalhes, outros com menos, mas quase todos, conforme apurou o Correio junto a oito deles, já tinha ouvido falar da existência de uma lista com os votos favoráveis e contrários dos senadores à cassação do mandato do ex-senador Luiz Estevão de Oliveira. E também que Antônio Carlos Magalhães havia comentado com vários dos seus pares sobre os votos de alguns deles.

É certo que quase todos não foram pegos de surpresa quando a diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen), Regina Borges, confessou que Arruda e Anto-

Ronaldo de Oliveira



JOSÉ EDUARDO DUTRA (D), AO LADO DA PETISTA HELOÍSA HELENA E DE PAULO HARTUNG, DO PPS, PREFERIU PASSAR PELO CONSTRANGIMENTO DE ADMITIR QUE JÁ SABIA DA LISTA A ESCONDER A VERDADE

"FUI A ACM PERGUNTAR SE ELE LEMBRAVA DO QUE HAVIA ME DITO (SOBRE O VOTO DA SENADORA HELOÍSA HELENA). ELE DISSE QUE SIM. A PARTIR DAÍ, NÃO TIVEMOS MAIS CONVERSAS SOBRE VOTOS"

JOSÉ EDUARDO DUTRA
Senador pelo PT

nio Carlos estavam por trás da operação que resultou no estupro do painel eletrônico do Senado. E na quebra do caráter secreto da voto na sessão em que Luiz Estevão foi cassado.

UMA MARGEM

Os senadores tinham essas informações mesmo antes do surgimento da fita que registrou a conversa de Antônio Carlos com os procuradores. A fita foi divulgada pela revista *IstoÉ* em fevereiro último. Aquela que detonou o processo oficial de investigação pelo Senado e provocou o lacre do painel eletrônico, depois a descoberta de que o sigilo da votação fora levantado e por fim a confissão de Regina.

Até agora, só Dutra contou o que ouviu de Arruda e de Antônio Carlos. E o fez olhando os senadores do Conselho de Ética de frente. Relatou que, na véspera da cassação do mandato de Estevão, em 27 de junho do ano passado, foi chamado ao gabinete de Arruda para conversar a respeito da tendência do voto dos demais senadores. Na saída, Arruda comentou sobre a possibilidade de saber como cada senador votaria no dia seguinte.

O diálogo relembrado por

Dutra foi o seguinte segundo ele:

- Você é engenheiro?, perguntou Arruda.

- Não, sou geólogo".

- Mas você é da área de exatas é deve ter alguma noção de informática. Você pode soltar isso, olha, sabe como é, essa história de informática, de sigilo, nunca é tão segura. Sempre pode haver uma margem para se conhecer os votos". Dutra contou aos senadores da Comissão que, na época, não deu muita importância ao que Arruda lhe disse. Chegou a comentar o episódio com a líder do PT, senadora Heloísa Helena (AL). Mas foi só. E nunca falou com Arruda sobre listas, nomes ou qualquer fato referente a uma possível violação do painel eletrônico.

No dia seguinte à cassação de Luiz Estevão, Dutra conversou com Antônio Carlos. E dele ouviu: "A sua líder não votou com a gente". A declaração do então presidente do Senado, formulada assim de sopetão, provocou a resposta de Dutra: "Ah, você tá é com raiva dela". Mais tarde, Dutra ouviu de outros senadores aquilo que lhe dissera Antônio Carlos. Concluiu: "Bem, se todo mundo diz isso é sinal de que ele está repetindo para os outros o que me disse. Fui a

ACM perguntar se ele se lembrava do que havia me dito. Ele disse que sim. A partir daí, não tivemos mais conversas sobre votos".

PÉ DO OUVIDO

O senador do PT só se convenceu por completo de que o painel eletrônico fora de fato violado quando soube do relatório dos técnicos da Universidade de Campinas (Unicamp) atestando o que antes não passava de uma forte suspeita. Alguns senadores estavam convencidos de que houvera a violação muito tempo antes de conhecêrem o relatório. Um deles foi o senador José Sarney (PMDB-AP).

Em São Paulo, enquanto esteve internado no Incor para a cirurgia que em março lhe extraiu a próstata, Sarney revelou a pelo menos um amigo que sabia do envolvimento de Arruda no caso. E comentou ainda que se as investigações alcançassem Arruda, atingiriam necessariamente Antônio Carlos. Outros senadores, que imploraram ao Correio para não ser identificados, foram ainda mais incisivos.

Um deles, do PSDB de um Estado da região Sudeste, contou: - Uma vez, no final do ano passado, eu estava ao lado de Anto-

nio Carlos conversando ao pé do ouvido dele e ele estava presidindo a sessão. Havia um orador na tribuna, e não adianta que eu não vou dizer quem era! ACM olhou com ar de desprezo para o orador e disse: "Esse aí votou com o Luiz Estevão". Disse com tanta segurança que fiquei espantado".

Outro senador, esse do PMDB do Sul do país, revelou ao Correio que pouco antes de Antônio Carlos deixar a Presidência do Senado disse numa roda de políticos que eles "ficariam surpresos se soubessem quem foi o cidadão ilustre que votou a favor de Luiz Estevão". Não revelou quem foi. Por sua vez, um senador do PFL do Nordeste, partido de Antônio Carlos, admitiu que ele, ainda na Presidência do Senado, foi abordado por um colega ao sair do plenário. Mal o interlocutor virou as costas, ACM comentou com o amigo: "Não vou com a cara desse sujeito. Foi um voto do Luiz Estevão".

Enfim, é difícil encontrar no Senado uma só alma que não soubesse o que os brasileiros só agora começam a saber. A única coisa que hoje equipara senadores e brasileiros é o fato de que no momento nem eles nem nós sabemos qual será o desfecho disso tudo.